



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**PAULA MELISSA ALVES FIDELES**

**TRADIÇÃO E SABERES DO COCO DE RODA NO  
QUILOMBO IPIRANGA NO MUNICÍPIO DO CONDE - PB**

João Pessoa – PB

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**TRADIÇÃO E SABERES DO COCO DE RODA NO  
QUILOMBO IPIRANGA NO MUNICÍPIO DO CONDE - PB**

**PAULA MELISSA ALVES FIDELES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Dança, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Dias Laranjeira.

João Pessoa – PB

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

F451t Fideles, Paula Melissa Alves.

Tradição e Saberes do Coco de Roda no Quilombo Ipiranga  
no município do Conde - PB / Paula Melissa Alves

Fideles. - João Pessoa, 2020.

50 f. : il.

Orientação: Carolina Dias Laranjeira.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Ensino de Dança. 2. Coco de Roda. 3. Educação  
quilombola. 4. Comunidade quilombola Ipiranga. I.  
Laranjeira, Carolina Dias. II. Título.

UFPB/CCTA

João Pessoa – PB

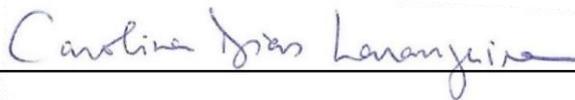
2020

**PAULA MELISSA ALVES FIDELES**

**TRADIÇÃO E SABERES DO COCO DE RODA NO  
QUILOMBO IPIRANGA NO MUNICÍPIO DO CONDE - PB**

Aprovada em 06 de abril de 2020

**Banca Examinadora**



---

Professora Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Valéria Ramos Vicente

Professora Examinadora

---

Prof. Mr. Sérgio José de Oliveira

Professor Examinador

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a Deus. Ele me tem sustentado durante todos os meus anos e guiado cada passo do meu caminho. Se não fosse a Sua graça e misericórdia que diariamente recebo, eu não estaria aqui. Soli Deo Glória.

Aos meus familiares por todo amor, apoio, incentivo e pela forma como se “gabam” ao conversarem com os outros por terem uma bailarina na família, minha eterna gratidão.

À meu amado Léo Torres, por ser apoio, abrigo, calma, por permanecer e por ter segurado minha mão e nunca ter soltado.

À minha orientadora Carolina Dias Laranjeira, por ter me apresentado o universo das Danças Populares, pelos ricos ensinamentos ofertados durante a graduação, pelo incentivo e direcionamento durante a pesquisa.

À Valéria Vicente e Sérgio de Oliveira por aceitarem fazer parte da banca examinadora dessa pesquisa e por seus apontamentos.

À Arthur Pereira da Costa, por ter me apresentado o Quillombo do Ipiranga, bem como o Coco de Roda, sem você essa pesquisa não teria tido início.

À mestra Ana Rodrigues que tem um coração imenso, pelo modo como me recebeu em sua casa e por ter compartilhado comigo sua arte, história, saber e tempo. A senhora é uma força da natureza, minha sincera gratidão e admiração.

À toda comunidade quilombola do Ipiranga pela acolhida.

Aos meus amigos, que coloreem minha vida e me são riqueza.

A todos os professores que passaram por minha vida, desde os anos iniciais de ensino até todo o corpo docente do Curso de Licenciatura em Dança e professores de Dança e Balé do ensino não formal, cada um deixando seu exemplo e marca em meu saber. Minha extrema admiração e gratidão, vocês me ajudaram a chegar até aqui.

Dedico este trabalho a minha família, que sempre  
me apoiou em minha caminhada dançante.

## RESUMO

A referente pesquisa tem como objetivo estudar a Brincadeira do Coco de Roda na comunidade do Ipiranga a fim de reconhecer os processos de ensino e aprendizagem que acontecem no folguedo durante a Festa do Coco e no cotidiano do Quilombo. Além disso, propõe descrever o contato das crianças e jovens integrantes da comunidade quilombola do Ipiranga com o coco de roda, descrever o coco de roda a partir de um ponto de vista dos aspectos corporais e da dança e compreender as relações intergeracionais que se dão por meio do coco nas comunidades. Além da pesquisa bibliográfica foi realizado trabalho de campo dentro da comunidade onde, em contato com os sujeitos, foi feita uma observação participante para entender através do movimento e da observação como se estabelecem as relações com a dança no quilombo e os demais saberes do quilombo. Para isso foram utilizados recursos como: diário de campo, onde foram descritas as vivências, e coleta de dados por meio de entrevistas gravadas e registros fotográficos. Por meio da pesquisa se concluiu que os processos educacionais do Coco na vida quilombola se dá por meio da vivência na festa onde se perpetuam valores próprios dessa cultura e pela observação, repetição e empenho do aprendiz. Essa pesquisa possibilitou dar maior visibilidade e valorização aos grupos tradicionais existentes na Paraíba, principalmente ao grupo onde o estudo foi realizado e incentivar o contato das novas gerações com folguedos populares.

**Palavras Chaves:** Ensino de Dança. Coco de Roda. Educação quilombola. Comunidade Quilombola Ipiranga.

## ABSTRACT

This research aims to study the Play of the Coco de Roda in the community of Ipiranga in order to recognize the teaching and learning processes that take place during the Festa do Coco and in the daily life of the Quilombo. Furthermore, it proposes to describe the contact of the children and young people from the quilombola community of Ipiranga with the coco wheel, to describe the coco wheel from the point of view of body aspects and dance, and to understand the intergenerational relationships that take place through the coconut in the communities. In addition to the bibliographical research, field work was carried out within the community where, in contact with the subjects, participant observation was carried out in order to understand through movement and observation how relationships are established with the quilombo dance and other quilombo knowledge. For this purpose, resources were used such as: field diary, where experiences were described, and data collection through recorded interviews and photographic records. The research concluded that the educational processes of Coco in quilombola life take place through the experience of the festival where values proper to this culture are perpetuated and through the observation, repetition, and commitment of the apprentice. This research made it possible to give greater visibility and appreciation to the traditional groups existing in Paraíba, especially the group where the study was carried out and to encourage the contact of new generations with popular folklore.

**Keywords:** Dance Teaching. Coco de Roda. Quilombola Education. Quilombola Ipiranga Community.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Delimitação de posses do sítio Ipiranga.....	17
<b>Figura 2</b> - Biblioteca comunitária do Ipiranga.....	18
<b>Figura 3</b> - Museu Quilombola.....	19
<b>Figura 4</b> – Barracão.....	27
<b>Figura 5</b> - 1º Pavilhão do Coco.....	28
<b>Figura 6</b> - Terreno onde será construído o 2º Pavilhão do Coco.....	32
<b>Figura 7</b> - Aprendendo a arrochar o bombo.....	38

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Grupos e mestres (as) de Coco de roda da Paraíba.....</b>	<b>22</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 O QUILOMBO DO IPIRANGA: CONTEXTO DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
2.1 O Quilombo a partir dos Processos Históricos.....	15
2.2 Notas sobre a Educação Quilombola.....	19
<b>3 O COCO DO IPIRANGA.....</b>	<b>22</b>
3.1 Processos históricos do Coco: o coco na Paraíba.....	22
3.2 O coco na comunidade do Ipiranga.....	26
<b>4 EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS: TRANSMISSÃO DE SABERES DO COCO NO QUILOMBO.....</b>	<b>34</b>
4.1 Ensino e aprendizagem no quilombo.....	34
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>45</b>
Apêndice A.....	46
Apêndice B.....	47
Apêndice C.....	48
Apêndice D.....	49

## 1. INTRODUÇÃO

O referente trabalho que tem por título “Tradição e Saberes do Coco de Roda no Quilombo Ipiranga no Município do Conde – PB” tem como finalidade descrever como se dão os processos de ensino e aprendizagem por meio da brincadeira do Coco nesta comunidade.

O interesse pela pesquisa partiu de uma inquietação gerada desde o segundo período da graduação enquanto cursava a disciplina de Tradições Brasileiras<sup>1</sup>. Em uma de nossas atividades, deveríamos ir a campo e pesquisar um determinado grupo da cultura popular na Cidade de João Pessoa. Durante a apresentação dos trabalhos resultantes das pesquisas de campo, constatou-se que a maioria dos grupos visitados temia que seus respectivos folguedos cessassem suas atividades após a morte de seus mestres, por não haverem jovens e crianças interessadas nos folguedos para dar continuidade às brincadeiras.

Tais fatos me levaram a questionar o porquê das brincadeiras populares serem desconhecidas e desvalorizadas em diversas regiões. O porquê muitos homens, mulheres, jovens e crianças não têm interesse pela mesma quando “[...] as coisas do povo precisam ser vistas como um bem cultural de um determinado grupo social, nesse sentido, a cultura popular é a caracterização de um determinado povo, e enquanto tal merece respeito” (ARAÚJO, 1973 apud SANTOS; TAVARES, 2012, p.5).

Outro sentimento era o de indignação por não ter entrado em contato quando criança com nenhuma brincadeira popular, mesmo tendo nascido em Bayeux, onde há grupos de Cavalo Marinho, e residindo em Santa Rita próximo aos grupos de cocos de Seu Ciço, Forte Velho do mestre Júnior e Coco Almirante Atalaia do mestre Naelson Carlos. Meu contato com as danças populares se deu na Universidade, e apesar de serem danças completamente diferentes da que pratico desde meus 9 anos de idade<sup>2</sup>, a sensação de pertencimento foi inevitável.

---

<sup>1</sup> Disciplina ministrada pela professora Carolina Dias Laranjeira, no ano de 2016.

<sup>2</sup> Aos 9 anos de idade comecei a fazer aulas de balé na minha cidade e a participar de um grupo de Dança na Igreja Batista Intependente Betel – Tibiri II, na qual era membro, em 2010 em busca de um estudo mais sólido da técnica ingressei na Escola de Balé do Teatro Santa Roza, aos cuidados da professora Ana Soares, sob a qual me encontro até os dias atuais, no Studio de Dança Ana Soares

Em visita à comunidade do Ipiranga no Município do Conde – PB, na Festa do Coco realizada no dia 26 de janeiro de 2019, que tem por grupo anfitrião o Grupo de Coco de Roda Novo Quilombo, formado há cerca de 29 anos pela Mestre Dona Lenita, atualmente liderado pela mestra Ana Rodrigues, ficou claro como a comunidade e a festa são ambientes frutíferos para o aprendizado e ensino.

As crianças ali presentes, por vezes, entraram na roda e demonstraram sua incrível habilidade e destreza com a dança, com os instrumentos e com o canto, a presença dos mesmos era forte no brinquedo. A comunidade mantinha sua cultura viva e movimentada, na festa se faziam presentes homens, mulheres, senhores, senhoras, jovens e crianças, gerando em mim um misto de curiosidade e felicidade por encontrar um quadro tão diferente do apresentado pelos colegas de graduação no início do curso. O que de diferente teria na comunidade? Propus-me a investigar.

A referente pesquisa possui caráter etnográfico, com abordagem qualitativa. Tem como objetivo estudar a Brincadeira do Coco de Roda na comunidade do Ipiranga a fim de reconhecer os processos de ensino e aprendizagem que acontecem no folguedo durante a Festa do Coco e no cotidiano do Quilombo. Além disso, propõe descrever o contato das crianças e jovens integrantes da comunidade quilombola do Ipiranga com o coco de roda, descrever o coco de roda a partir de um ponto de vista dos aspectos corporais e da dança e compreender as relações intergeracionais que se dão por meio do coco nas comunidades.

Para o levantamento de dados, foi realizado trabalho de campo dentro da comunidade de janeiro de 2019 a março de 2020, onde em contato com os sujeitos, foi realizada uma observação participante, fazendo uso de técnicas de pesquisa como: diário de campo, onde foram descritas as vivências, e coleta de dados por meio de entrevistas gravadas e registros fotográficos. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde foram consultados diversos livros,

---

no Bairro dos Bancários. Em 2014, passei a dar aula de Baby Class em duas escolas privadas, uma vez na semana, como auxiliar da Ana. Ao longo dos anos fui aperfeiçoando a técnica no decorrer das aulas, tendo participado de diversos festivais, competições e cursos relacionados à área com enfoque na técnica e na metodologia da mesma. Atualmente sou professora de Balé no Elohim Colégio e Curso, localizado no Bairro das Indústrias e no Studio de Dança Ana Soares, ministrando aulas para crianças com faixa etária de 2 a 12 anos.

TCCs e dissertações sobre o Coco do Ipiranga e temas relacionados a pesquisa.

Além disso, também a partir de outubro de 2019 tive a oportunidade de estar em contato direto com o Grupo Coco de Roda de Acauã<sup>3</sup>, o qual foi de grande auxílio durante o processo de aprendizagem da dança e do modo de mover do coco no quilombo Ipiranga. Um de seus integrantes, Arthur foi um interlocutor importante para estabelecer uma relação de confiança com os participantes da pesquisa da comunidade quilombola estudada.

O trabalho de campo foi realizado por meio de sete visitas a comunidade. Em três desses dias foram realizadas entrevistas tendo como interlocutores moradores do sítio Ipiranga e integrantes do Coco de Roda Novo Quilombo, três festas foram observadas e houve um momento de reunião para tratarmos assuntos relacionados ao 1º Encontro de Coco de Roda e Ciranda da Paraíba<sup>4</sup>. Também foi feita uma viagem com mestra Ana Rodrigues, onde estive em contato também com Dona Senhorinha, mestra do Coco de Roda da Barra de Camaratuba e seus integrantes.

Este TCC estrutura-se da seguinte forma:

O segundo capítulo, diz respeito a contextualização da pesquisa, onde são tratadas questões históricas acerca do processo de escravidão de povos africanos vindos forçadamente ao Brasil no período colonial. A formação dos quilombos e as definições sobre o povo quilombola. Abordando-se também a temática sobre Educação Quilombola, que tem um ensino voltado especialmente para os costumes e tradições deixados pelos negros que foram trazidos para o Brasil, discutindo diariamente questões que são inerentes ao ser quilombola. As pesquisas citadas neste capítulo foram de Silva ([200-?]) e Arruti (2017).

No terceiro capítulo, é discorrido sobre o Coco na Paraíba, suas

---

<sup>3</sup> Grupo criado em março de 2019, tendo como base uma pesquisa voltada para a Cultura Popular Tradicional do Coco de Roda da Paraíba, voltado para as brincadeiras desenvolvidas no litoral sul. Com objetivo de fomentar a cultura tradicional na Paraíba, tendo foco no Coco de Roda, tem como participantes oficiais Arthur Pereira da Costa, Leydianne Gonzaga, Zé (José Hilton), Israel Lucena, Luana Aires, Diego Souza, Gabriela Castro de Lima e Mateus Henrique.

<sup>4</sup> Evento realizado em 25 de maio de 2019, no Quilombo do Ipiranga, com a participação de nove grupos tradicionais de ciranda e coco, com mais de 150 brincantes. Com intuito de fomentar os respectivos folguedos na Paraíba e possibilitar interação entre os mestres para que se fortaleçam entre si. Foram homenageados no encontro três mestres: Dona Zefinha de Muriçoca, mestra do coco e lapinha, Seu João Mariano, mestre do coco, grande referência da dança e Mestre Jorge de Forte Velho (in memoriam).

principais características e são descritas suas múltiplas formas de se apresentar. Relata-se mais a fundo sobre o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, e suas peculiaridades, local onde a referente pesquisa foi realizada e acolhida com bastante afeto. As pesquisas utilizadas nesse capítulo foram Filho (2019), Ayala (2017), Silva (2014) e Moraes (2016).

O quarto capítulo trata-se das relações intergeracionais existentes no quilombo, no que diz respeito ao, repasse dos saberes realizado para os mais jovens da comunidade. Além disso, aborda-se o tema da transmissão oral dos saberes, que é adquirido pela vivência e que não deve jamais ser menosprezado. Para isso dialogo com os seguintes autores: Laranjeira (2017), Antonacci (2017), Acselrad (2011) e Gil; Meinerz (2017).

Ao final, chega-se à consideração final do trabalho, seguida da lista de referências e apêndices contendo a transcrição dos questionários das entrevistas realizadas com os membros da comunidade quilombola do Ipiranga.

## 2 O QUILOMBO DO IPIRANGA: CONTEXTO DA PESQUISA

*“Nego trabalhava muito e comia bem pouquinho, apanhava de chicote carregando senhorzinho. Samba nego, branco não vem cá, se vier, pau há de levar.”*

*Coco de Roda – Quilombo do Ipiranga*

No referente capítulo será tratado acerca do contexto da pesquisa, percorrendo sobre a formação da sociedade escravagista brasileira. Discorrendo sobre o Quilombo Ipiranga, sua formação e atividades que lá são realizadas. Abordando também a importância da Educação Quilombola para as crianças e jovens da comunidade, que na sala de aula podem estudar temas pertinentes aos costumes e tradições quilombolas, bem como o cotidiano no quilombo, obtendo assim um maior rendimento escolar pois os temas tratados possuem relação direta com sua identidade.

### 2.1 O Quilombo a partir dos Processos Históricos

Por volta dos séculos XV e XIX, os portugueses através do tráfico negreiro transportaram para o Brasil aproximadamente 4 milhões de africanos, trazidos forçadamente para trabalhar como escravos em atividades com mão-de-obra pesada, como por exemplo: mineração, plantio e cultivo de terras. Os africanos trabalhavam em condições desumanas e sob maus tratos. Como forma de resistência ao sofrimento imposto pelos seus maus feitores os negros fugiam, formando comunidades que ficaram conhecidas como Quilombos, que conforme Silva ([200-?], p. 7) “são uma demonstração de resistência sócio- política e cultural”.

Segundo Arruti (2017, p.109),

A primeira definição de quilombo, no Brasil, dá-se no corpo das legislações colonial e imperial, sob uma forma calculadamente vaga e ampla, que permitia que uma mesma norma de caráter repressivo abarcasse o maior número de situações de interesse. Na Colônia, bastava que cinco escravos fugidos se reunissem, ocupassem ranchos permanentes e possuíssem um

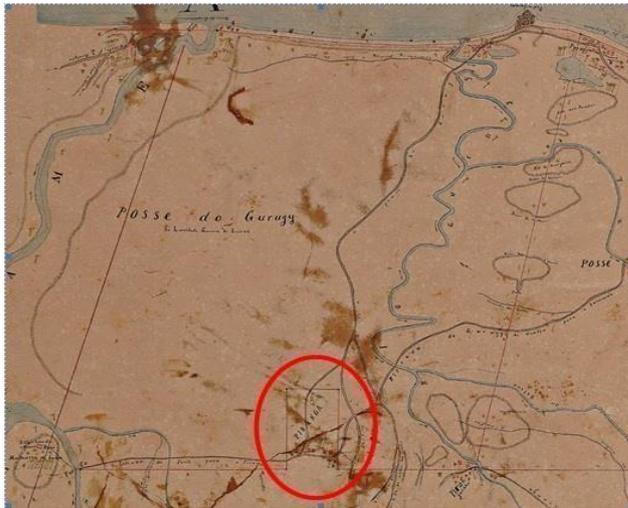
pilão para caracterizar a formação de um quilombo. No Império, porém, esses critérios ficaram ainda mais largos, de forma que a reunião de três escravos fugidos, mesmo que não formassem ranchos permanentes, poderia ser considerado um quilombo.

Atualmente, os indivíduos que ocupam assentamentos identificados como quilombos são descendentes dos africanos escravizados. A Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1994 apud ARRUTI, 2017, p. 13), os qualifica como remanescentes de quilombos, permanecendo o quilombo como um território que mantém viva as tradições e costumes trazidos por seus antepassados. Em consonância com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1997 [1994] apud ARRUTI, 2017, p.13),

a categoria “remanescentes de quilombos” deve compreender todos os grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos em um determinado lugar, cuja identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e de valores partilhados. Nesse sentido, eles se constituem como “grupos étnicos”, isto é, um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão, cuja territorialidade é caracterizada pelo “uso comum”, pela “sazonalidade das atividades agrícolas, extrativistas e outras e por uma ocupação do espaço que teria por base os laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade.

Das 30 comunidades quilombolas existentes na Paraíba, está à comunidade do Ipiranga, cuja palavra Tupi, segundo a Mestra Ana Rodrigues significa “rio de água vermelha”, nome colocado certamente pelos índios que habitavam a região ao observarem as folhas que se decompunham ao fundo das nascentes de rios. A comunidade se localiza no município do Conde, no estado da Paraíba, com distância de 22 km de João Pessoa. Segundo Silva (2014, p. 31), “há pelo menos quatro gerações esse território é habitado por famílias negras descendentes de negros escravizados [...]”.

#### **FIGURA 1 – DELIMITAÇÃO DE POSSES DO SÍTIO IPIRANGA**



Extraído de: ALMEIDA, [2016?]

Em estudo antropológico INCRA/PB, no quilombo foram encontrados registros de nascimento, batismo e certidões de casamentos datados com mais de 196 anos, levando a crer que, no ano de 2020, o quilombo completará 200 anos. Desde o ano de 2006, o assentamento possui Certificação Quilombola pela Fundação de Palmares, documentação fornecida as Comunidades Remanescentes de Quilombos. Segundo a Constituição em seu artigo nº 68, “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, [1988]). Através de um censo foram identificadas 127 famílias residentes na comunidade tendo esse número já aumentado. A maioria dos moradores possui algum grau de parentesco.

A comunidade local possui poucas informações sobre a real história de formação do quilombo, segundo a Mestra Ana Rodrigues, sabe-se que “existiam duas mulheres, duas irmãs a Torquarta e Cilivera, que contavam um pouco como era a comunidade antigamente, sendo 7 famílias que chegaram aqui”<sup>5</sup>. As primeiras documentações das terras possuíam selo da Coroa Real de Dom Pedro II, acredita-se que os terrenos tenham sido doação do Rei. Algumas pessoas tornaram-se “donos” dessas terras e os demais as obtinham por meio das chamadas “ticucas”, denominação dada à forma de pagamento por mão-de-obra, onde toda família trabalhava três dias para o proprietário das terras e dois

<sup>5</sup> Entrevista concedida à autora dia 07 de novembro. João Pessoa-PB. Próximas falas utilizadas também foram concedidas neste dia.

para si, e assim o valor do terreno ia sendo pago. Entre essas famílias estavam as de sobrenome: Adauto, Mártires, Moura, Bispo e Nascimento.

O sítio onde a mestre Ana Rodrigues reside juntamente com seus parentes era posse de seu avô e avó, possui 11 hectares de terra fértil para plantio, com nascente de rios. A fonte de renda de 90% trabalhadores vem, em sua maioria, da agricultura familiar, do plantio de feijão, macaxeira, batata, inhame e frutas, como mamão e melancia. Outros são feirantes vendendo o que é produzido na comunidade, alguns trabalham na pesca e outros são funcionários públicos.

As atividades realizadas no quilombo são inúmeras, visto que o quilombo está sempre em movimento, realizando projetos como a Biblioteca Comunitária, oficina de livros artesanais, o trabalho artesanal com a confecção de biojóias, o Museu Quilombola, o Clamores Antigos<sup>6</sup> na Escola José Albino Pimentel e a própria Festa do Coco.

**FIGURA 2 – BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO IPIRANGA**



Fonte: Costa (2019)

---

<sup>6</sup> Projeto realizado na Escola Quilombola da comunidade, com a participação de crianças que praticam o coco de roda e outras brincadeiras populares no ambiente formal.

**FIGURA 3 – MUSEU QUILOMBOLA**

Fonte: Costa (2019)

## 2.2 Notas sobre a Educação Quilombola

A lei nº 11. 645, Art. 26-A, diz que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (BRASIL, [2008]), reconhecendo e visibilizando a importância dos mesmos pela formação do nosso país.

A educação é fator primordial para desenvolvimento do ser humano, o acesso ao ensino de boa qualidade possibilita o indivíduo maior desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e sociais. Entretanto, numa comunidade quilombola o ensino deve se voltar com maior ênfase para os costumes e práticas de seu povo, pois carregam consigo histórias e valores próprios que não podem ser esquecidos, visto que são inerentes ao ser quilombola.

Com esse intuito, temos a Educação Quilombola que em conformidade com Silva ([200-?], p.7), “é compreendida como um processo amplo – que inclui a família, a convivência com os outros, as relações de trabalho e com o sagrado e as vivências nas escolas, nos movimentos sociais e outras organizações da comunidade.” O ensino voltado para as vivências dos alunos promove valorização de sua cultura levando a todos um aprendizado sobre sua história,

Silva ([200-?], p.10), diz ainda que

educações quilombolas implica, portanto, entender as relações existentes no dia-a-dia das pessoas, a relação entre homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e idosos e a relação deles com a terra, com o sagrado, com a cultura e com as diversas formas de organização.

Na proximidade do quilombo encontra-se a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel. A escola em sua estrutura possui sete salas de aulas, conta com 25 funcionários, possui cozinha, refeitório, banheiros, salas especiais, secretaria, possui também aparelhos eletrônicos e fornece alimentação escolar para os alunos.

Na referente escola, inúmeros projetos são realizados, um dos principais ocorreu de setembro de 2016 a dezembro de 2017, em parceria com a Secretaria de Cultura e Educação do município, em que os alunos desenvolveram filmes sobre seu cotidiano, que podem ser vistos através da plataforma digital do youtube<sup>7</sup>. Eram realizadas também oficinas para ensinar os alunos da escola a dança e o manuseio dos instrumentos do Coco de Roda que é tão presente na comunidade. No entanto, os alunos demonstraram tamanha destreza em aprender que, atualmente, eles mesmos ensinam aos mais novos que chegam e demonstram interesse em aprender.

A escola anda em parceria com a comunidade, a cada evento escolar a comunidade se faz presente dando apoio, sugestões e incentivando a valorização da cultura local. Um desses exemplos é um evento realizado, anualmente, intitulado “Virado da Educação”, em que a comunidade toma conhecimento do que é visto e feito nas salas de aula. Os professores são comprometidos e qualificados para lecionar de acordo com a Educação Quilombola e em sua maioria são residentes dos quilombos, “eles são o próprio quilombo”.

---

<sup>7</sup> Projeto desenvolvido pelo Grupo Semente Cinematográfica, com o intuito de implantar a Escola Experimental de Cinema, realizado com apoio da Secretaria de Educação e Cultura no Município do Conde, na Escola EMEIF José Albino Pimentel. Os filmes produzidos pelos alunos estão disponíveis para visualização no link: <[https://www.youtube.com/channel/UC-1tVkqm\\_pszCfcSvOBLzgg](https://www.youtube.com/channel/UC-1tVkqm_pszCfcSvOBLzgg)>

Outra escola da comunidade é a Escola Professora Lina Rodrigues do Nascimento, instituição que leva o nome da matriarca da família Rodrigues. A escola recebe alunos que cursam o Ensino Fundamental II e EJA. Esta em sua estrutura, possui oito salas de aulas, 24 funcionários, cozinha, banheiros, salas especiais, sala de leitura, sala de diretoria, sala dos professores, área verde, é adaptada para alunos com deficiência, possui também eletrônicos e fornece alimentação escolar para os alunos. Dona Lina, foi uma das primeiras professoras da rede municipal, nomeada em 1948. Passou 53 anos em aula, lecionando em turmas multisseriadas e nesse tipo de sala encontram-se alunos de diferentes séries e idades, sendo instruídos por um só professor.

As escolas, frequentemente, realizam visitas no quilombo, no dia 07 de Novembro, estava em campo e assim que me preparava para voltar para casa, uma turma de estudantes descia do ônibus para conhecer o quilombo. No dia 22 de novembro, mais um dia de trabalho de campo, os portões abriram-se novamente para uma turma do ensino fundamental e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) para realizar uma oficina de livros artesanais, da qual tive o prazer de participar junto com os educandos.

O contato entre escola e quilombo teve início após a criação do museu quilombola que se tornou uma ponte de ligação. Assim, o Quilombo é um lugar de fomento dos saberes, este fato nos faz atentar para um tipo de conhecimento que é adquirido além dos muros das escolas, adquirido pela vivência, com o contato com a natureza, com o viver no quilombo e ser quilombola.

### 3 O COCO DO IPIRANGA

*“Eu vim dançar coco de roda, zabumba de corda, uma caixa, um ganzá. As meninas do Novo Quilombo quando cai na roda é pra se acabar”*

*Coco de Roda – Quilombo do Ipiranga*

Neste capítulo trataremos da presença da brincadeira do o Coco na Paraíba, suas variantes apontando ainda nomes dos grupos e mestres ativos e inativos no Estado, identificados por meio de pesquisas realizada por Filho (2019). Discorrendo brevemente sobre sua origem e instrumentos utilizados no folguedo. Trantando mais profundamente sobre o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, a construção dos pavilhões, Festa do Coco e sobre o modo de brincar próprio do Ipiranga.

#### 3.1 Processos históricos do Coco: o coco na Paraíba

O coco de roda é uma manifestação popular presente em diversos estados, como Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará. Em mapeamento realizado por José Hilton Filho (2019), juntamente com Arthur Pereira e Israel Lucena, foram encontrados 27 grupos de coco de roda na Paraíba.

**QUADRO 1 – GRUPOS E MESTRES (AS) DE COCO DE RODA NA PARAÍBA**

<b>GRUPOS</b>	<b>MESTRE OU MESTRA</b>	<b>CIDADE/ LOCAL</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>ANO</b>
Novo Quilombo	Ana Lúcia	Conde/Quilombo do Ipiranga e Guruji	Ativo	2019
Forte Velho	Junior	Santa Rita / Forte Velho	Ativo	2019
Coco Almirante Atalaia	Naelson Carlos	Santa Rita / Ribeira	Ativo	2019
Coco de Roda e Ciranda de Dona Edite	Edite	Alagoa Grande/Quilombo Caiana dos Crioulos	Ativo	2019
Desencosta da Parede	Cida	Alagoa Grande / Quilombo Caiana	Ativo	2019

		dos Crioulos		
Vó Mera e Suas Netinhas	Vó Mera	João Pessoa / Roger – Varjão	Ativo	2019
Odete de Pilar	Odete de Pilar	Pilar / Zona Rural	Ativo	2019
Mestre Benedito	Têca	Cabedelo / Zona Urbana	Ativo	2019
Penha Cirandeira	Penha Cirandeira	Desaparecida	Não ativo	2019
Seu Ciço	Seu Ciço	Santa Rita/ Várzea Nova	Não ativo	2019
Ciranda do Sol	Mestre Mané Baixinho	João Pessoa / Bairro dos Novaes	Ativo	2019
Ciranda da Alegria	Acelino	Conde / Assentamento Dona Antônia	Ativo	2019
Ciranda Tupinambá		João Pessoa / Bairro Mandacaru	Não ativo	2019
Cirandeiros do Vale do Gramame	João da Penha e Dona Ciça	João Pessoa / Gramame	Ativo	2019
Coco de Roda da Barra de Camaratuba	Senhorinha	Mataraca / Barra de Camaratuba	Ativo	2019
Coco de Roda da Aldeia Cumaru	Dadá	Baía da Traição / Aldeia Cumaru	Ativo	2019
Mestre Siriaco	Siriaco	Alhandra / Zona Urbana	Não ativo	2019
Samba de Coco do Mestre Zé Zuca	Geraldo Preto	Queimadas / Zona Rural	Ativo	2019
Mazurca de Santa Catarina		Monteiro / Zona Rural	Ativo	2019
Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia	Zé Cutia	Jacumã / Zona Urbana	Ativo	2019
Coco de Roda de Gado Bravo	Vital	Gado Bravo / Zona Rural	Ativo	2019
Coco de Roda de Cruz do Espírito Santo	Pina	Cruz do Espírito Santo / Engenho São Paulo	Ativo	2019
Coco de Roda do Congo	Emídia	Congo / Zona Rural	Ativo	2019

Coco de Roda Quitéria Noberto		Monteiro / Zona Rural	Ativo	2019
Dona Carminha	Carminha	Penha / Zona Urbana	Não ativo	2019
Coco de Roda de Santa Luzia		Santa Luzia / Zona Rural	Não ativo	2019
Dona Dandu	Dandu	Conde / Guaxinduba	Ativo	2019

Extraído de: FILHO, 2019

Em cada localidade em que é encontrado, o coco apresenta-se de maneira distinta. Pude perceber isso diretamente pela oportunidade que surgiu ao longo da pesquisa quando pude estar junto de um dos grupos citados acima, na Barra de Camaratuba, nos dias 16 e 17 de novembro de 2019. No dia 16, o grupo havia sido convidado a se apresentar na inauguração da praça da cidade e convidou o Novo Quilombo para auxiliar na apresentação. Devido a um imprevisto e o custo do ônibus para transportar os integrantes do Novo quilombo para a Barra de Camaratuba serem altos, o grupo ficou impossibilitado de ir. Mas os colegas, pesquisadores e brincantes do grupo de coco de roda de Acauã se dispuseram a ir, e no sábado pela manhã saímos em grupos de dez, divididos em dois carros e junto conosco estavam Ana Rodrigues, mestra do Coco Novo Quilombo, e Janduí seu irmão.

A Mestra do grupo, Dona Senhorinha, de maneira gentil e receptiva nos acolheu em sua humilde residência e possibilitou uma experiência de convivência entre pesquisadores e brincantes. Foi um dia enriquecedor, pois passamos a tarde tirando coco na frente de sua casa. À noite, no momento da apresentação, além dos integrantes do grupo, fizeram parte da roda, Arthur, Zé, Mestra Ana e eu. Logo, pude experimentar um modo de dançar singular do grupo de Barra de Camaratuba. O movimento deles é mais saltado, as mulheres que compõem a roda dançam segurando a saia, ora movimentando-se para direita, ora para esquerda. Apesar do padrão de movimentos dos pés serem semelhantes ao do Novo Quilombo, que será descrito no próximo subcapítulo, o mesmo é executado de modo mais amplo.

Geralmente apenas uma pessoa permanece no centro da roda executando o passo básico e rodopiando em sentidos alternados. Para sair, basta se dirigir a outro integrante da roda, o qual se colocará um pouco mais no centro e no lugar da

simulação da umbigada, ainda na margem da roda, acontece um “embate” entre as duas pessoas que realizam o movimento básico de pés, que me remeteu um convite para ir ao centro e, ao mesmo tempo, um duelo. Após esse momento o que estava no centro, coloca-se no lugar do que foi “tirado” e torna a girar com a roda.

Segundo Ayala (2018, p. 10), “coco de roda, samba de coco, coco de zambê, coco de pareia, coco furado, coco de embolada... São muitas as variantes que justificam a denominação “cocos”, sempre no plural”. Cada grupo possui uma identidade própria, perceptível aos olhos dos dançadores, tocadores e cantadores. No entanto, a diferença pode ser encontrada na movimentação, na forma de tocar, na sofra (melodia do coco), e letra dos cocos que são tirados. Por sua multiplicidade de se apresentar, falar dos cocos torna-se um grande desafio.

Falar de sua origem é pisar em terreno ainda mais escorregadio, alguns teóricos defendem uma origem africana, outros falam ainda da contribuição dos indígenas no coco. De acordo com Silva (2014, p.30),

A dança do Coco de Roda no Brasil, defendida por folcloristas, é de origem indígena, porém, outras correntes afirmam que sua criação é de origem africana, mas, como no Brasil há uma grande miscigenação, é notório que tanto a matriz indígena como a matriz africana, são ambas as responsáveis pela expressão cultural do Coco de Roda no Nordeste brasileiro, pois são encontrados elementos étnicos dessas duas matrizes, sendo impossível destacar maior influência de uma sobre a outra.

Para Ayala (2018, p.10), o coco

É uma prática coletiva que envolve, na maioria das vezes, grupos mistos, formados por homens e mulheres, que são encontrados em áreas urbanas e na zona rural, inclusive em aldeias indígenas e comunidades quilombolas, onde a dança e a música, integradas, estão presentes nos terreiros, nas festas populares e em ritos religiosos.

Os instrumentos utilizados na brincadeira são: o bombo/zabumba, a caixa e o ganzá. No lugar da expressão “cantar coco” utiliza-se “tirar um coco”, quanto à dança do Coco, Moraes (2016, p. 61), nos diz que:

O passo básico, realizado na roda da brincadeira, é um movimento de deslocamento para a direita com transferência de peso. O foco do movimento está no pé direito que desloca alternando-se do centro para frente e do centro para trás, com movimentos rápidos que acompanham o

ritmo da música. O peso empregado no movimento varia conforme a intensidade da música, a entrega do corpo que dança ao jogo e o envolvimento coletivo, porém, em roda, este peso tende a ser mais leve.

Dos grupos supracitados, a seguir estudaremos mais a fundo o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, local onde a referente pesquisa foi realizada e acolhida com bastante afeto.

### **3.2 O coco na comunidade do Ipiranga**

Segundo Dona Lenira e a mestra Ana Rodrigues o Coco de Roda vem sendo realizado no Ipiranga há cerca de 200 anos. Antigamente, a brincadeira era realizada quatro vezes no ano: na época Junina, nos dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e no Natal e ocasionalmente em batizados e casamentos. Um mastro era hasteado, um terço rezado e tiravam o coco. Uma comunidade avisava a outra que haveria coco e todas reuniam-se no Gurugi, Ipiranga, Mituaçu e Paratibe<sup>8</sup> (cidades que possuem mestres de coco, localizam-se em João Pessoa mas estão muito próximas ao Conde), para juntos celebrar, iniciando as 21:00 horas, seguindo até o raiar do outro dia.

Há cerca de 10 anos, a festa do coco acontecia no último sábado de todo mês, participando da festa integrantes das comunidades vizinhas e visitantes de várias regiões. A presença de grupos convidados fez com que a festa tivesse maior visibilidade, o “boca a boca” e, atualmente, páginas nas redes sociais têm trazido várias pessoas para a Festa do Coco.

O grupo anfitrião é o Grupo de Coco de Roda Novo Quilombo, formado há cerca de trinta anos pela Mestra Dona Lenita. Com o falecimento da Mestra Lenita em abril de 2015, quem assume o comando da brincadeira é sua filha, Ana Lúcia do Nascimento (SILVA, 2014). O número de integrantes do grupo costuma variar devido a entrada e saída de alguns, atualmente sua formação possui 25 integrantes, sendo eles crianças, jovens e adultos. O mais novo participante tem 11 anos de idade e a mais velha 78 anos de idade. O grupo Novo Quilombo é considerado um dos mais tradicionais da Paraíba.

Durante vinte anos, as apresentações e brincadeiras aconteciam apenas fora da comunidade, em eventos que o grupo era convidado. Aos poucos, surgiu a

---

<sup>8</sup> Quilombo urbano.

preocupação de passar os saberes para as crianças e os jovens da comunidade. Por medo de que os mesmos não tivessem mais contato com a cultura do quilombo, em 2010 o coco foi retomado no quilombo, com uma brincadeira realizada em Gurugi, onde atualmente encontra-se o “Bar de Tia Maria”.

Em seguida as festas passaram a acontecer no barracão da foto acima, que foi cedido pelo pai de Ana Rodrigues e continuaram nesse local por cinco anos.

**FIGURA 4 – BARRACÃO**



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Em 2015 o grupo conseguiu um recurso e compraram parte do material para construção do 1º Pavilhão do Coco apresentado na imagem abaixo. O dinheiro para o madeiramento foi adquirido por meio de contribuições e cachês que o grupo recebeu, a mão de obra da construção veio pelo apoio da Prefeitura do Conde. Localizado dentro do sítio que mestra Ana e sua família residem.

**FIGURA 5 – 1º PAVILHÃO DO COCO**



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

A Festa do Coco era realizada todo último sábado do mês na comunidade do Ipiranga, recebendo brincantes vindos da comunidade e pessoas de fora que vinham participar da festa sendo muitos deles do meio acadêmico. A partir do mês de Janeiro de 2019 a festa passou a acontecer uma vez a cada dois meses, principalmente devido aos gastos. Inicialmente, o grupo recebia uma pequena contribuição da prefeitura pra fazer os lanches dos convidados, devido a mudança de gestão a ajuda cessou. Com assessoria do SEBRAE, com o intuito de ser independente e realizar a festa sem a ajuda de nenhum órgão público, o grupo passou a cobrar R\$ 5,00 reais dos visitantes que prestigiavam a Festa do Coco.

Entretanto, os gastos ainda são muitos, uma vez que o dinheiro arrecadado não supre todas as despesas, restando dívidas para mestra Ana Rodrigues. Além da parte financeira, todo trabalho de organização fica a cargo da mestra e suas filhas, todo o preparo antes e pós festa, tornando a realização cansativa. A mestra queixa-se disso: “é como se a festa do coco fosse a festa de Ana”<sup>9</sup>. Entretanto, muitos membros da comunidade são beneficiados, pois a festa movimenta também a economia local, com barracas de comidas e bebidas que são armadas no dia do brinquedo.

Na comunidade, durante a festa, os mestres Elias e Vanda (Ivan dos

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida à autora e a Arthur Pereira da Costa, no dia 22 de novembro de 2019. João Pessoa-PB. Próximas falas utilizadas também foram concedidas neste dia.

Ramos), tocam bombo/zabumba, Jurandir e Pedro costumam tocar caixa. Na falta de zabumbeiro, Jurandyr toca bombo/zabumba. Acontece revezamento entre os mestres que cantam. Mestra Ana Rodrigues tira os cocos, Janduí seu irmão responde, raramente mestra Ana responde. Na falta e defasagem dos tocadores citados acima, Janduí toca também, quando isso ocorre Ana conta com o auxílio de Ismael e Fabinho (Fábio Fernando) para responder o coco e os demais integrantes do grupo dançam.

Em visita ao sítio, durante a festa realizada no dia 26 de janeiro de 2019, ficou claro como a comunidade e a festa é um ambiente frutífero para o aprendizado e ensino de suas crianças, que por vezes, entraram na roda e demonstraram sua incrível habilidade e destreza com a dança, com os instrumentos e com o canto, movimentando assim o festejo. Fato que me motivou ainda mais a investigar como acontece o Coco de Roda na comunidade.

No decorrer de 2019, as visitas realizadas para entrevistas, festas do coco em que pude presenciar e ensaios com o Grupo Coco de Roda de Acauã, me ajudaram a compreender um pouco mais do modo que se dança no Novo Quilombo.

Toda brincadeira possui uma estrutura de organização. Vejamos então a do coco de roda:

1. A parte instrumental do coco é formada pelo bombo, caixa e ganzá;
2. A tiragem do coco é baseada em perguntas e resposta, sendo assim, todos devem dar a resposta do coco que está sendo tirado;
3. Para que a brincadeira aconteça, como o próprio nome já diz, é necessária a formação da roda, que deve sempre ser respeitada, e mantida;
4. A roda se movimenta de acordo com a pancada do bombo no sentido anti-horário, cada brincador executa o movimento básico dos pés, com os joelhos semi flexionados, deslocando-se para frente e para trás marcando a pancada com o pé direito, enquanto o esquerdo serve de base;
5. Para entrar na roda um dançador deve se dirigir a outro e realizar uma umbigada simulada (nesse caso não há projeção da bacia para frente nem contato entre os umbigos dos parceiros), para que juntos ocupem o centro da roda. No Ipiranga a umbigada aparece mais marcada no pé

direito, com uma sutil queda do lado direito do quadril ao realizar essa marcação enquanto o lado direito projeta-se levemente para o lado. Antigamente usavam-se também palmas para chamar o parceiro ao centro.

6. Caso ninguém o tire, o brincante pode se dirigir ao centro e “roubar” o parceiro da dupla que está centralizada, esse ato chama-se “jogo de compra”;
7. Quem está no centro da roda assume uma movimentação de deslocamento horizontalizado, que envolve a bacia e possui certa leveza ao mover de acordo com a pancada do bombo. Realizando o movimento padrão onde o pé direito marca a pancada e o esquerdo serve como base no deslocamento, marcando três pontos (meio, direita, meio, esquerda), sendo o meio a umbigada simulada ou um giro no sentido horário. Algumas senhoras do quilombo executam o giro nos dois sentidos, mas não é comum avistar esse padrão durante a brincadeira pois girar no sentido anti-horário exige outra dinâmica entre eixos e maior agilidade no mover para dar tempo de realizar o giro e marcar a pancada do bombo com o pé direito no tempo correto. Os brincantes que se encontram no meio da roda dançam num centro compartilhado, podendo se deslocar em diferentes direções enquanto executam as movimentações descritas acima e partilhando um ponto de encontro em comum ao marcar o ponto do meio.
8. Os braços movimentam-se de forma livre, como reverberação/resposta dos movimentos executados nos membros inferiores, erguidos na altura dos ombros ou levementes afastados do tronco. As moças mais novas da comunidade apresentam esse padrão com certa sensualidade, elevam mais os braços, projetam levemente o tronco para frente ao marcar o meio e sacodem os ombros, padrão que remete a um sutil enfrentamento. As senhoras mais antigas que ainda dançam mantêm o braço mais próximo do corpo com sutis movimentos de reverberação;
9. Em uma roda pequena composta por poucas pessoas, apenas uma dupla ocupa o centro, caso a mesma seja maior, pode comportar duas ou três, sendo a prioridade manter a roda de fora formada e girando;
10. Para sair do centro da roda basta se dirigir a outro dançador e umbigá-lo;

11. Os brincantes que formam a roda de fora devem manter a roda girando, e podem estimular os que estão ao centro dizendo “- Dai nele nego”, “-Dai nela”, “-Bota ele pra correr”, “-Quem vai correr?”, como se a dupla do centro estivesse a travar um embate;
12. Quando o coco que está sendo tirado acaba, espera-se iniciar outro para seguir dançando.

Sobre a brincadeira, Moraes (2016, p. 62), nos diz ainda que,

Para o brincante, a brincadeira do coco de roda se inicia no momento em que a pessoa decide se colocar em roda. Entretanto, a roda é ainda a espera para o jogo que acontece no centro desta; é uma espera ativa para um convite que pode acontecer a qualquer momento. Em roda, o espectador ativo percebe-se um apreciador das negociações e dinâmicas geradas pelos corpos que se relacionam com seus parceiros no centro do jogo. Estar em roda mobiliza uma atenção multifoco do participante: atenção ao movimento que está executando, a canção que está sendo cantada e que ele deve repetir um de seus versos, atenção ao jogo das duplas estabelecido no centro da roda e atenção aos companheiros da roda, pois, a qualquer momento, os olhares podem se cruzar, e provocar um convite a outro participante para formar uma nova dupla no centro da roda.

A comunidade preocupa-se em formar mestres para o amanhã, mas de acordo com mestra Ana, têm alguns que já nascem com essa vocação, como Ismael e Fabinho.

O coco é o que torna os membros da comunidade reconhecidos, os dá visibilidade, os que antes diziam ser de Gurugi, por habitarem uma localidade de difícil localização e acesso, hoje são vistos por um grande público e por volta de 2004 se assumem como moradores do sítio Ipiranga, tendo sua cultura reconhecida, valorizada e estudada por diversos pesquisadores.

Para muitos dos membros da comunidade o coco é muito mais que uma brincadeira, é por meio dele que se apresenta e se constitui a sua identidade, faz parte do ser quilombola. Para mestra Ana, o coco significa a “perpetuação de uma história”, a certeza de que tudo vai mais além do que se pode ver, “as crianças, os jovens e os idosos dançando na roda é uma forma da gente dizer que a gente tá vivo, que a gente tá aqui, que a gente pretende ficar ainda por muito tempo”.

No entanto essa visão não é partilhada por todos da comunidade. No dia 07 de dezembro de 2019, ao chegar no quilombo para auxiliar nos preparos da festa do coco fui informada pela mestra Ana que infelizmente aquela seria a última festa a ser realizada no pavilhão pois eles foram proibidos de continuar a realizar a

brincadeira no local.

Moradores do quilombo, dentre eles parentes de Ana, alegaram que na festa existia uso e venda drogas e que se tocava muita “macumba” privando as pessoas de seu sono. Evidencia nesse caso a proibição por conta da intolerância religiosa. Motivos segundo Ana fúteis, que poderiam ser sanados por meio de um diálogo e ações de proteção com a presença de policiamento na festa para inibir as vendas e uso de drogas ilícitas, mas não houve acordo.

Questionada sobre o sentimento diante da proibição, Ana emocionada comenta:

Eu me sinto triste, porque a minha mãe falou o seguinte, que o dia que a gente parasse essa brincadeira, ela ia entender que tinha morrido... né? Então no dia 7 de dezembro de 2019, a gente realmente enterrou a nossa mãe. Porque a cultura que ela mais gostava, a única cultura que ela gostava, a gente acabou, deixou de fazer por conta disso né? Então é um pesar muito grande, apesar de saber que a cultura não morreu, mas deixou de ser feita no lugar onde ela escolheu pra ser feita, então morreu também um pouquinho dela, ou muito dela.

Contudo enquanto uns querem “acabar” com a festa outros prezam por sua continuidade. Um terreno, próximo a avenida principal, foi doado por uma família da comunidade para a construção do 2º Pavilhão do Coco. Diversas ações já estão em execução para arrecadar fundos para construção, sendo elas uma vaquinha online, um projeto para oficinas de Coco, um projeto de um show com diversos artistas que apoiam a causa, ganhando também doações de materiais de construção e auxílio de um estudante de arquitetura para projetar o pavilhão.

#### **FIGURA 6 – TERRENO ONDE SERÁ COSTRUÍDO O 2º PAVILHÃO**



Fonte: Acervo pessoal (2020)

## 4 EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS: TRANSMISSÃO DE SABERES DO COCO NO QUILOMBO

*[...] Vocês ajeitem o bombo e não parem de brincar.  
Quando eu não existir botem outro em meu lugar.”*

*Coco de Roda - Quilombo do Ipiranga*

Neste capítulo será explanado acerca das relações intergeracionais existentes no quilombo, como acontecem os processos de ensino e aprendizagem entre os mais velhos para os mais jovens do quilombo. Na comunidade, em consonância com os modos de viver e produzir conhecimentos africanos, a oralidade é o meio central da transmissão de saberes.

### 4.1 Ensino e aprendizagem no Quilombo

Em virtude dos padrões eurocêntricos por meio dos quais fomos “civilizados” pelos portugueses, a oralidade, enquanto potente meio de difusão de ensino e propagação de conhecimento, foi sendo desvalorizada e escanteada em detrimento ao letramento e saberes adquiridos na academia, centrados na cultura escrita. Tal centramento remete, “a forma como ainda hoje construímos nossos conhecimentos e ações em diversos campos, pautados por um pensamento colonizador” (GIL; MEINERZ, p. 20, 2017).

Entretanto, quando se trata de tradições orais, a propagação dos saberes se dá principalmente pela oralidade. Os costumes, saberes, tradições, histórias de um povo ou comunidade, são repassados de geração a geração, pela voz e pelo corpo e, por esse meio “[...] as culturas orais fluem, preservam, renovam suas mensagens.” (ANTONACCI, 2017, p. 164).

Ao nos aproximar mais do campo percebo uma tradição viva a partir de uma oralidade específica que vai ao encontro do que mostra com Antonacci (2017, p.162-163):

[...] o passado em culturais orais , vive no impulso comunitário de festas, celebrações, êxtases espirituais; em rituais, danças, mímica, timbres vocais, alocações verbais, imagens, enfim performances que revivem o indizível, o interdito, o que irrompe no presente em *infralíngua* (GIL, 1997, p. 53) gestual, quando o corpo-político da razão negra se expressa, desatando nichos de memórias subterrâneas encravada no corpo da diáspora, em transgressões contínuas à modernidade euro-ocidental.

Em contato com os mestres e brincantes da cultura popular no quilombo do Ipiranga pude notar como é valioso o saber adquirido pela vivência. Em conversa com Janduí no dia 16 de novembro de 2019, ocasião em que estivemos junto ao grupo de Coco Novo Quilombo em Barra de Camaratuba, o mesmo mencionou que alguns dos mais velhos ao observar o céu sabiam se iria ou não haver chuvas no mês, e quando seria o tempo apropriado de caça e reprodução dos animais.

Conforme Souza (2005, p. 412 *apud* ACSELRAD, 2011, p. 9), ao discorrer sobre processos pedagógicos na cultura popular, aponta outros parâmetros que servem de referência para os aprendizados:

os processos de transmissão de saberes, presentes no universo da cultura popular, pautados por uma lógica própria, pressupõe práticas pedagógicas diferenciadas que podem enfatizar formas diferentes de sociabilidade ligadas às relações comunitárias, nas quais as formas simbólicas, a ritualidade, a oralidade e a ancestralidade têm papel fundamental de ligação com a tradição. Com isso, privilegiam neste processo pedagógico, outro sistema de valores, que não aquele presente na prática educacional corrente em nossa sociedade.

No quilombo do Ipiranga os processos de ensino-aprendizagem do coco de roda assemelham-se ao dos demais folguedos populares: por meio da prática e da vivência. Sobre isso Laranjeira (2017, p.212), comenta que “o aprender por meio da observação, da observação recriada, do exercício da repetição e da feitura, seria característica fundamental de processos e práticas de ensino vindo das culturas orais”.

Atualmente na comunidade não são realizados ensaios, o aprendizado acontece nas festas, que até 2018 eram realizadas mensalmente. Segundo mestra Ana “o ensaio é a festa, aprende fazendo”, frase semelhante a de

Acselrad (2013, p. 152 *apud* LARANJEIRA, 2017, p. 208) ao analisar o Cavalo Marinho “[...] a brincadeira esta sim é a própria preparação para brincadeira”.

Os brincantes da comunidade demonstram grande habilidade com o coco, e tem muito a nos ensinar pois vivenciam a brincadeira por vezes desde o nascimento, elas vêm seus pais, tios, avós e familiares brincando, daí seguem seu exemplo.

A própria Ana Rodrigues aprendeu a dançar com sua mãe Dona Lenita, e desde muito pequena era levada às festas onde havia coco de Roda. A influência familiar é tão importante e positiva que aparece até no modo de se mover de cada pessoa. Sobre isso mestra Ana diz, “é por família, a família de Zefinha da muriçoca dança daquele jeito, a família de Irene dança daquele jeito, a família de Lenita dança daquele jeito, então, vai reproduzindo o que eles viam os mais velhos fazendo”. Nesse sentido o aprendizado vai além da festa do coco, encontra-se em casa, por meio dos aprendizados que constroem a corporalidade, enquanto, materialidade corporal de cada um, nas relações do cotidiano.

Entretanto, ter parentesco com um participante do folguedo não garante a prática do mesmo pelos demais membros da família,

[...] há uma condição essencial para que os processos de aprendizagem na brincadeira sejam iniciados. Trata-se da existência do desejo, do interesse e da vontade que o brincador iniciante deve ter para brincar” (LARANJEIRA, 2017, p. 206),

Pois o aprendizado acontece paulatinamente a partir das vivências, da forma como as mesmas são estabelecidas e da forma como se estabelecem as relações com as pessoas que possuem o saber-fazer (os mestres), “o aprendiz é o verdadeiro protagonista de seu processo de construção de conhecimento” (ACSELRAD, 2011, p. 8).

Tais ideias, sobre outras brincadeiras corroboram com as informações trazidas por Fábio Fernando, que domina tanto a dança, o canto e a forma de

tocar no coco se denomina como um dos mestres da comunidade com apenas 15 anos de idade, ao falar sobre seu processo de aprendizado no coco,

[...] eu era muito pequeno mainha disse, eu tinha uns três anos, aí eu vi o povo dançar, [...] eu fui pra roda fazer igual ao povo, pulando, dançando. Ai depois eu fui entrando no coco, fui entrando, dançando, onde povo dançava eu ia dançar, aí foi como eu entrei no coco.<sup>10</sup>

Podemos notar que o interesse surgiu a partir do contato do mesmo com a brincadeira, incentivado por sua família. Questionado se havia alguma dificuldade e desafio no aprendizado o mesmo menciona o preconceito sofrido:

o povo dizia: oia o povo macumbeiro tão dançando, candomblezista, isso e aquilo outro. Ai a gente nem ligava, porque a gente amava o coco de roda pra dançar, porque só dança quem gosta [...] muita gente ainda hoje em dia ainda tem esse preconceito com o coco de roda, de dizer que é candomblé, dizer que é macumba, dizer “ó os macaco pulando de gai em gai [...] fica falando mas a gente nem liga.

Fabinho, como é conhecido na comunidade, já cria coco, e encontra inspiração para suas letras no cotidiano da comunidade. Ele diz que sente-se valorizado por pertencer ao Grupo Coco de Roda Novo Quilombo, pelo fato do grupo ter notoriedade e convites advindos de diversas localidades do Brasil. Sobre a parada do brinquedo o mesmo discorre que sente falta, e vontade de dançar o coco.

Sobre a busca pelo conhecimento, impulsionado pelo seu próprio interesse, Fábio relata que realiza ensaios em casa, “as vezes eu to ali, aí começo a cantar e começo dançar”. Além disso, diz que, aprendeu a tocar sozinho:

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 18 de março de 2020. João Pessoa – PB. Próximas falas utilizadas também foram concedidas neste dia.

tocar eu fui aprendendo, faz uns seis anos que eu aprendi tocar coco de roda, eu num sabia tocar não eu só via o toque do bombo, as vezes eu ficava em casa com uma panela petengo petengo petengo ai fui pegando o toque na panela, ai depois quando o bombo tava lá eu pegava tan tan tan ai comecei tocar e aprendi.

A partir do ingresso dele na brincadeira, sua mãe e irmã começaram a participar também. Este fato parece indicar que as trocas intergeracionais também se estabelecerem dos mais jovens aos mais velhos. Nesse caso, não necessariamente transmissão de saberes, mas da propagação de um interesse e uma relação afetiva que envolve os aprendizados no coco. Fábio afirma que só irá parar de dançar o coco quando morrer e que pretende repassar os saberes para seus futuros filhos “sim eu pretendo chamar eles pra ir no mesmo caminho que eu do coco de roda, aí se eles quiserem podem entrar”.

**FIGURA 7 – APRENDENDO A ARROCHAR O BOMBO**



Fonte: Acervo pessoal (2019)

A festa possui um duplo caráter, é o lugar onde se pode colocar em prática o que já se sabe e aprender o que ainda não se tem conhecimento. Para quem vai além da dança, e decide investir nas outras linguagens artísticas presentes no coco como o canto e o toque dos instrumentos, a festa mostra-se

um ambiente frutífero ao aprendizado. Basta chegar-se ao lado dos mestres e observar os movimentos de forma atenta, observar os cocos que são tirados e gravá-los na memória, sendo assim “o método da observação, nestes casos é de fundamental importância e envolve o domínio de um conjunto imenso de linguagens associadas” (ACSELRAD, 2011, p.8). Foi dessa forma que durante as vivências aprendi a tocar ganzá instruída por Janduí.

Outro espaço de aprendizado é dentro da escola formal. Em meados de 2007 surgiu o interesse entre os mestres da comunidade do Ipiranga de criar um grupo de Coco de Roda com crianças, as inscrições foram realizadas na Escola de Educação Quilombola da comunidade José Albino Pimentel, com cerca de 140 crianças com faixa etária variando de 5 a 12 anos de idade. Com as desistências da grande maioria permaneceram apenas 40 alunos no grupo que foi intitulado “Grupo Coco de Roda Infantil O Quilombinho”. Nesse projeto receberam aulas de canto, dança e toque dos instrumentos do coco com Dona Lenita Nascimento, Ana Rodrigues, Janduí Nascimento, Jurandyr, Elias, Pedro e Seu João Mariano.

As aulas aconteceram por cerca de três anos, ora na Escola de Educação Quilombola José Albino Pimentel, ora no próprio quilombo. Ao passo que o aprendizado foi visivelmente dominado pelo grupo, os mestres cessaram suas atividades, “[...] quando a gente viu que eles já tavam prontos a gente deixou eles, tipo assim... deixamos de mão né? pra caminhar com as próprias pernas”<sup>11</sup>.

Segundo Ana, este projeto dialogou com o projeto Clamores Antigos<sup>12</sup>, realizado na Escola quilombola Albino Pimentel. O grupo é composto por crianças da comunidade que através da arte, principalmente exercitando o coco no ambiente da escola, propagam os saberes adquiridos no cotidiano do quilombo.

São múltiplos os espaços de acessibilidade do conhecimento do coco. Os mestres sempre encontram-se dispostos e prontos para ensinar, o quilombo do

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora e a Arthur Pereira da Costa, no dia 22 de março de 2020. João Pessoa-PB.

<sup>12</sup> Não foi possível realizar observação participante nesse espaço por questões burocráticas não realizadas em tempo hábil.

Ipiranga é rico em saber e cultura, cabe ao brincante ir de encontro ao conhecimento e desfrutar do mesmo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa busquei em contato com a comunidade analisar as formas de transmissão de saberes existentes no quilombo do Ipiranga. Ao buscar isso percebi, como o saber é construído ao longo de toda uma vida e que compreender a fundo os processos de aprendizagem e ensino não cabe totalmente no recorte analisado. Entretanto, o que foi apresentado no decorrer da pesquisa no curto tempo de sua realização, são dados relevantes para um estudo inicial.

Ao estudar o Quilombo a partir dos processos históricos e o que ele representa para a comunidade, me fez compreender a força de existência que o mesmo carrega em si que transborda derramando-se e refletindo em seus habitantes ao longo dos anos, esse povo de garra que luta por suas terras, direitos e cultura. E quão importante é a educação quilombola, para o reconhecimento e identidade de todos os alunos que vivem no quilombo, isso afeta de forma direta seus modos de viver, e é o que permite que a história seja contada do ponto de vista de seus antepassados.

O coco é múltiplo em sua forma de apresentar, é misterioso. A presença da brincadeira é forte na Paraíba e inúmeros são os seus grupos e praticantes. Isso instiga uma pesquisa contínua por parte dos brincantes e pesquisadores, podendo render diversas pesquisas posteriores. O coco na comunidade do Ipiranga possui um imenso valor e ressalta a identidade dos brincantes que encontram no coco muito além de uma diversão, é um modo de vida, orgulho e uma forma de honrar todos os mestres que por ali passaram.

Na transmissão e aprendizado dos saberes vemos que o laço de parentesco é importante mas para além dele é necessário que seja manifestada no brincante a vontade de aprender e o interesse pelo coco. A importância de estar em contato com os mestres mais velhos e brincantes da comunidade no dia a dia e durante a festa proporciona um ambiente propício ao aprendizado. Que sempre está acessível em todo momento.

Por meio da pesquisa se concluiu que os processos educacionais do Coco na vida quilombola se dá por meio da vivência na festa onde se perpetuam valores próprios dessa cultura e pela observação, repetição e pelo empenho do aprendiz. Essa pesquisa possibilitou dar maior visibilidade e valorização aos grupos

tradicionais existentes na Paraíba, principalmente ao grupo onde o estudo foi realizado e incentivar o contato das novas gerações com brincadeiras populares.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACSELRAD, Maria. A Transmissão de Saberes no Contexto das Culturas Populares e Tradicionais. In: DANÇA: CONTRAÇÕES EPISTÊMICAS, 2., 2011, Pernambuco. **Anais do encontro nacional de pesquisadores em dança**, Pernambuco: UFPE, 2011.

ALMEIDA, Mayra Porto de. “**A terra é a mãe, é o pai, é tudo! Tudo começa pela terra**”: a territorialidade étnica da comunidade Ipiranga – PB. [s. n.]: João Pessoa, [2016?]

AYALA, Maria Ighes Novais. Os cocos do Nordeste. In: **Sonora Brasil: Na pisada dos cocos**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2018.

ANTONACCI, Antonieta. Teatros de memória em diáspora: por uma pedagogia performática. **Revista Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 158-178, mai. 2017.

ARRUTI, José Maurício. Conceitos, Normas e Números: uma introdução à Educação Escolar Quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 33, p. 107-142, jan/abr. 2017.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1988.

BRASIL. Constituição da República Federativa, 2016. BRASIL. Lei nº 11. 645, de 10 de março de 2008.

FILHO, José Hilton Adalberto da Silva. **Do coco de roda à jurema sagrada: as raízes afro-indígenas paraibanas**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

GIL; MEINERZ. Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a descolonização dos saberes. **Horizontes**, São Francisco, v.35, n.1, p.19-34, jan/abr. 2017.

LARANJEIRA, Carolina Dias. Aprender o que não foi ensinado: processos educacionais no Cavalo Marinho pernambucano. **Revista Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 204-220, mai. 2017.

MORAES, Peticia Carvalho de. **A festa do Coco das comunidades quilombolas paraibanas Ipiranga e Gurugi**: acontecimento e corponegociações. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidade. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016. Versão corrigida.

SANTOS, Francine dos; TAVARES, Jussara da Silva Rosa. **Revisitando as Danças Populares na Escola a partir de uma linguagem cênica**: as Escolas de laranjeiras como palco. São Cristóvão: [s.n.], 2012.

SILVA, Cícero Pedrosa da. **Coco de Roda Novo Quilombo**: saberes da Cultura Popular e Práticas de Educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde – PB. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE/CE/UFPB), 2014.

SILVA, Delma Josefa da. **Educação Quilombola**: um direito a ser efetivado. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8715693-Educacao-quilombola-um-direito-a-ser-efetivado.html>>. Acesso em 06 nov. 2019.

## APÊNDICES

## **APÊNCIDE A - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

### **FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

1. Fale um pouco sobre a história do quilombo.
2. Quantas famílias moram atualmente no quilombo? Todos são parentes?
3. Quais são as atividades realizadas no quilombo?
4. A escola da comunidade tem uma educação quilombola?
5. Existe contato da comunidade com a escola?
6. Qual a fonte de renda dos membros da comunidade?

## **APÊNCIDE B - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

### **FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

1. Desde quando surgiu coco na comunidade?
2. Em quais ocasiões acontecem o coco na comunidade e quando acontece atualmente?
3. Quanto tempo de duração tem a festa do coco e há quantos anos ela é realizada?
4. Quando acontecem as reuniões do grupo?
5. Vocês realizam ensaios?
6. O que o coco significa para você?
7. Como você aprendeu o coco? Como se ensina o coco na comunidade?
8. Nota mudança no coco de antigamente e o atual?
9. Como acontece a participação de jovens e crianças na brincadeira e porque o binquedo os atrai?
10. Há preocupação em formar mestres para o futuro?

## **APÊNCIDE C - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

### **FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

1. Quantos integrantes compõe o grupo Novo Quilombo e qual a faixa etária dos participantes?
2. Como vocês se denominam?
3. Qual motivo da proibição para que não tenha mais coco na comunidade? Como se sente?
4. Sofrem alguma perseguição? Existe preconceito na comunidade?
5. Em qual ano o coco retornou a acontecer na comunidade?
6. Por quantos anos permaneceram no barracão e no 1º Pavilhão do coco?

## **APÊNCIDE D - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

### **FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA**

1. Como você aprendeu a dançar o coco e a tocar? Com qual idade?
2. O que lhe chamou atenção para que seu desejo de brincar fosse despertado?
3. Como se sente ao dançar?
4. Nota algum desafio?
5. Qual sua inspiração para criar os cocos?
6. Você se sente valorizado por pertencer ao grupo de coco?
7. Como você se sente com a pausa da festa na comunidade?
8. Você pratica a dança em casa?
9. Alguém na sua família faz parte do coco?
10. Você sente que o coco está ligado à sua identidade?
11. Até quando você pretende continuar brincando?
12. Pretende ensinar a tradição aos seus futuros filhos?
13. Você se vê como mestre?